

as decisões cruciais: **DEMOCRACIA** **BESTIALIZAÇÃO**

O significado das decisões cruciais sobre o futuro do sistema político brasileiro não se restringe aos graus de legitimidade que as eleições diretas para Presidente da República propiciam para a prática de uma política que resgate o país de sua pior crise, nem aos soavados argumentos de que a crise é o pior momento para a tomada das referidas decisões, do que decorreria a manutenção do sistema — não chame-se a isto de eleições — das indiretas.

Através de múltiplos percalços, entre os quais se inclui a dura repressão destrutora da identidade social, a sociedade brasileira logrou construir um sistema de referências políticas simbólicas, no centro do qual a democracia é a chave, que surpreende o observador pessimista atento apenas às dificuldades da sobrevivência material das classes e grupos de pessoas, assolados por uma inflação anual que já ultrapassou os 200%. Esse sistema de referências é, ele mesmo, um signo de uma sociedade de massas trabalhada pela modernidade, e dele não está ausente, senão que é uma de suas condições básicas, o intenso desenvolvimento da comunicação de massas.

Esta sociedade de massas pobre que não teve tempo de transitar por uma sociedade de classes — é uma sociedade de classes em que a representação se dá pelos meios da sociedade de massas — logrou elaborar uma referência universal, a democracia, depois de atingida pelos regimes que se sucederam desde o golpe de Estado de 1964 no coração mesmo de seus processos de identificação social. Ela retira da sociedade de massas talvez seu melhor produto; essa identificação que não percorre apenas os sendeiros das classes e das situações materiais que lhes são peculiares, lição que deveria ser aprendida pelos que representam ou querem representar o povo.

Essa modernidade não deixa, entretanto, de ser ambígua, decorrência mesma de seu rápido trânsito e de sua conformação pela cultura de massa. Ela comporta também os riscos do atendimento aos apelos de outros referenciais universalizantes: o apelo ao pânico da violên-

cia generalizada e indiscriminada, ao qual se contraporia uma ordem, mais violenta ainda, aparentemente dirigida contra os marginais e os assaltantes quotidianos. Esta sempre foi, classicamente, uma das condições para o fascismo. Quando as estações de rádio disputam a peso de ouro — 22 milhões de cruzeiros mensais contrapostos ao salário-mínimo de 57 mil cruzeiros — o contrato dos Gil Gomes arautos da violência privada, as bestas do Apocalipse estão quase nas ruas. Falta apenas transformá-la em violência pública oficial. Entre nós, digamos sem rebuços, esta é a fonte de força dos malufismos lobo em pele de cor-deiro.

Por isso, as decisões cruciais de hoje não têm apenas valor tático, seja ele um novo escamoteamento imposto pelo regime, seja o acabamento da biografia política de alguns, ou mesmo uma visão imediatista da legitimidade: elas têm uma importância estratégica, iniludível. De sua resolução sairá a resposta ao enigma da modernidade da sociedade de massas no Brasil. O desafio de construir uma sociedade democrática onde a democracia se constitua no campo de lutas das transformações econômica, social, política e cultural, ou uma sociedade de massas decepcionada pelo logro da usurpação de seu referencial simbólico, presa inerme das aventuras totalitárias, escárnio de sua própria modernidade, o algoz se apresentando como salvador.

Para além das querelas paroquiais, das veleidades biográficas e do minueto conservador, as *eleições diretas* já não são apenas a impaciência de uma conjuntura: elas podem ser a chave da impaciência de um futuro democrático e radicalmente transformador. O desafio posto à sociedade brasileira talvez não tenha paralelo histórico: a chance de transformar um processo massificador num processo liberador. Nossa oportunidade histórica, nacional e coletiva, está jogada: além do Rubicão, se nos oferece o imenso campo da democracia como forma de luta e de transformação ou a cacofonia eletrônica dos Goebels históricos da impotência coletiva.